

# Debatendo o conceito de κεφαλή em 1Cor 11,3 – Novas possibilidades exegéticas

Waldecir Gonzaga\*  
Marcelo Dantas da Silva Júnior\*\*

## Resumo

O presente artigo aborda as novas possibilidades interpretativas para o vocábulo “cabeça” usado pelo apóstolo Paulo em 1Cor 11,3. Durante anos, uma hermenêutica religiosa patriarcal hierarquizou os gêneros usando textos como esse para difundir e popularizar uma supremacia masculina. Entretanto, hodiernas pesquisas acadêmicas têm produzido novas possibilidades para o entendimento da metáfora paulina. Entre as mais difundidas estão a ideia de origem e de proeminência. Assim, este artigo procura apresentar os argumentos favoráveis e desfavoráveis para cada uma dessas novas visões. Por fim, observa-se, a partir de uma visão libertadora e cristocêntrica, qual orção promove a humanização, a ressignificação do ser e a igualdade entre os gêneros.

**Palavras-chave:** Κεφαλή; Cabeça; Gênero; 1Cor 11,3; Hermenêutica.

## Debating the concept of κεφαλή in 1Cor 11,3 – New exegetical possibilities

### Abstract

The present article looks at new interpretative possibilities for the word “head” used by the apostle Paul in 1Cor 11,3. For years, a patriarchal religious hermeneutic has hierarchised the genders, using texts like this to spread and popularise male

---

\* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. E-mail: <waldecir@hotmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

\*\* Doutorando em Teologia Sistemática em curso pela Escola Superior de Teologia (EST). Pós-graduado em Cristianismo e Política pelo Instituto Jonathan Edwards. E-mail: [dantasteologizando@gmail.com](mailto:dantasteologizando@gmail.com) Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4288646123802653> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0001-0887-5421>

supremacy. However, modern academic research has produced new possibilities for understanding the Pauline metaphor. Among the most widespread are the idea of origin and prominence. This article seeks to present the favourable and unfavourable arguments for each of these new visions. Finally, from a liberating and Christocentric viewpoint, it looks at which option promotes humanisation, the re-signification of being and equality between the genders.

**Keywords:** Κεφαλή; Head; Gender; 1Cor 11:3; Hermeneutics.

## Debatiendo el concepto de κεφαλή en 1Cor 11,3 - Nuevas posibilidades exegéticas

### Resumen

Este artículo examina nuevas posibilidades interpretativas de la palabra “cabeza” empleada por el apóstol Pablo en 1Cor 11,3. Durante años, una hermenéutica religiosa patriarcal ha jerarquizado los géneros, utilizando textos como éste para difundir y popularizar la supremacía masculina. Sin embargo, la investigación académica moderna ha producido nuevas posibilidades para entender la metáfora paulina. Entre las más extendidas se encuentran la idea de origen y la de prominencia. Este artículo pretende presentar los argumentos favorables y desfavorables de cada una de estas nuevas visiones. Finalmente, desde un punto de vista liberador y cristocéntrico, se examina qué opción promueve la humanización, la resignificación del ser y la igualdad entre los géneros.

**Palabras clave:** Κεφαλή; Cabeza; Género; 1Cor 11,3; Hermenéutica.

### Introdução

Ao longo dos séculos os seres humanos, por vezes, propuseram-se a refletir sobre os conceitos que produzem comportamentos nocivos à sociedade. A Antropologia, a Filosofia, a História, a Psicologia e a Sociologia são algumas das disciplinas que permitiram o estabelecimento de um fulcro reflexivo a partir do qual fosse possível pensar uma evolução integral do gênero *homo*, desde o *homo sapiens*. A Teologia – que amiúde na história teve um papel de destaque, mas que nos últimos séculos tem visto a sua influência regredir – se propõe a ser uma área de conhecimento em cuja análise dos seres humanos encapsula aspectos fundamentais do ser, como seu intelecto, suas emoções, seus comportamentos, e, é claro, sua espiritualidade. Em outras palavras, a Teologia se apresenta, ao menos em teoria, como uma disciplina que pensa o ser de forma integral, em sua totalidade. Além disso, aspectos como a transcendentalidade e a imanência estão sempre no horizonte do fazer teológico, bem como a própria dialética com as demais áreas de estudo humano.

Por outro lado, se há algo de belo na proposta da Teologia, isso não significa dizer que não houve erros nas “teologias” construídas ao longo dos

séculos. Não poucas vezes, escusos interesses, alheios à mensagem central de Cristo, mas usando o seu nome como forma de promoção, fomentaram-se e fomentam “teologias” que não correspondem ao projeto divino de amor e justiça. Pelo contrário, algumas reflexões inclusive fomentaram, por exemplo, práticas desumanizadoras, escravizantes e opressoras, como: “guerras santas”, conquistas das Américas, a escravização do índio e do negro e várias outras práticas que foram consubstanciadas por “teologias/reflexões teológicas” dissonantes e distantes do Evangelho de Cristo (Beozzo, 1987, p. 83-122).

Um dos problemas que se perpetuam até hoje, entre tantos, sem dúvidas, é subjugação feminina à masculina. As mulheres, pelo simples fato de serem mulheres, continuam a enfrentar dificuldades e opressões nos países pelo mundo afora e no Brasil pós-moderno, ainda que em alguns lugares menos e em outros mais, porém, este é um problema que a humanidade presencia diuturnamente. Segundo Flores, só no Brasil, os problemas são muitos: em 2021, houve um aumento de mais de 8% no número de estupros em comparação com 2020; o alto número (foram mais de 26.000 - o maior número da história) reverbera como as mulheres são atacadas na sociedade; um outro aumento relevante foi o número de assassinatos por feminicídio (em 2020, foram 662; em 2021, 666, conf. Flores, 2010).

Esses dados são assustadores ainda mais quando se leva em consideração que mais de 80% da população se autodenomina cristã.<sup>1</sup> No que tange às mulheres, parece que nem sempre as “teologias” construídas promoveram o amor e a igualdade dentro e fora das igrejas cristãs, segundo o projeto de Cristo. Em 2019, por exemplo, uma pesquisa demonstrou que 40% das mulheres que sofreram abusos físicos e verbais eram de matiz evangélica (Tomazine, 2019).

Se algumas “teologias” cristãs lidaram com temas delicados de maneira equivocada e são responsáveis pelos números acima, isso não quer dizer que os autores da Escritura Sagrada tenham compartilhado do mesmo equívoco. O apóstolo Paulo, por exemplo, lidou com assuntos espinhosos para a sociedade de seu tempo sempre partindo de um constructo teológico cristocêntrico como um meio redentivo para auxiliar os membros das comunidades cristãs. Como relembra Gombis, Paulo entende que as comunidades cristãs derivam

---

<sup>1</sup> 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.gh.html>. Acesso em: 14 ago. 2023.

a sua identidade do enredo bíblico (isso envolve história, linguagem, missão, símbolos, padrões de relacionamento e dinâmica social) (Gombis, 2016). Desta forma, é mister afirmar que o seu desiderato era imprimir uma nova cosmovisão em seus leitores para que, a partir de novas lentes, pudessem enfrentar os problemas e as contingências sociais. Não à toa, Paulo foi chamado de contracultural por alguns estudiosos tanto conservadores, como por progressistas.<sup>2</sup>

Entretanto, se Paulo lidou com problemas parecidos com os nossos e trouxe abordagens revolucionárias para a sua época, por que muitos dos seus escritos são utilizados para justificar opressões e práticas que se distanciam da proposta de amor do Cristo? Talvez, a resposta esteja em interpretações equivocadas que acabaram por ajudar a construir ao longo da história uma imagem de um Paulo machista, sexista, opressor (Barr, 2022, p. 57-58). O texto de 1Cor 11,3 parece se enquadrar nesse caso. Alguns parecem querer utilizar de algumas interpretações tradicionais do texto, desenvolvidas ao longo da história cristã, como fundamento para uma perspectiva sexista. O problema, como se percebe, não está na interpretação tradicional, que alguns teólogos fizeram, mas sim do uso distorcido que outros fizeram e fazem. O que se percebe no texto é que Paulo quer trabalhar a igualdade da dignidade de todos diante de Deus, o qual não faz acepção de pessoas (Rm 2,11) e a todos iguala a partir do Batismo (Rm 10,12; 1Cor 12,13; Gl 3,28; Cl 3,11).

Assim, este trabalho intenta realizar uma exegese de 1Cor 11,3 e analisar novas possibilidades hermenêuticas para a compreensão deste texto paulino. Para tanto, o estudo está dividido em mais três partes: a primeira, trata da exegese da perícopé; em seguida, são apresentadas as abordagens mais debatidas ao longo dos anos, o que inclui a visão tradicional, que defende a relação hierarquizada entre homens e mulheres, e também novas possibilidades hermenêuticas; e, por fim, a última parte apresenta algumas considerações importantes que este estudo obteve e que pode ajudar na relação de respeito e valorização entre homens e mulheres, especialmente entre os cristãos, chamados a viver a proposta de Cristo, de que entre os batizados não existe diferença, como Paulo afirma em Gl 3,26-29 (Gonzaga, 2021, p. 9-41).

---

<sup>2</sup> O teólogo conservador John Stott - ver, STOTT, John. *Contracultura cristã*, 1978 -, e a historiadora progressista Beth Alisson Barr - ver, BARR, Beth Alisson. *A construção da feminilidade bíblica*, 2022 -, são alguns dos que consideram a teologia de Paulo contracultural.

**Tabela 1** – Gl 3,26-29

<sup>26</sup> Pois todos	sois <u>filhos</u> de <b>Deus</b>	por meio da fé em <b>Cristo Jesus</b> ,
<sup>27</sup> pois todos quantos,	em <b>Cristo</b> fostes batizados,	de <b>Cristo</b> vos vestistes.
-----		
<sup>28</sup> Não há <b>judeu</b>	nem <b>grego</b> ,	(οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος οὐδὲ Ἑλληγν)
não há <b>escravo</b>	nem <b>livre</b> ,	(οὐκ ἔνι δοῦλος οὐδὲ ἐλεύθερος)
não há <b>homem</b>	nem <b>mulher</b> ;	(οὐκ ἔνι ἄρσεν και θήλυ)
-----		
pois	todos vós	sois um em <b>Cristo Jesus</b> .
<sup>29</sup> E se vós sois de <b>Cristo</b> , então de <b>Abraão</b> sois descendência, <b>herdeiros</b> segundo a promessa.		

Fonte: GONZAGA, 2021.

## 1. Análise Exegética de 1Cor 11,3

A beleza e a unidade temática deste texto paulino são demonstradas pela segmentação, tradução e algumas notas de crítica textual referentes à perícopo 1Cor 11,3. Todas as palavras usadas para sua construção referem-se ao termo central deste estudo: “κεφαλή/cabeça”. Paulo ilustra a relação entre homem e mulher a partir da relação entre o Cristo encarnado e Deus Pai, a fim de que a relação entre os gêneros possa ser vivenciada de forma cristocêntrica. Assim, o “apóstolo e mestre dos gentios” (Rm 11,13 e 1Tm 2,7) tenta demonstrar aos cristãos em Corinto a real magnitude e extensão da cosmovisão cristã, e que em Cristo todos os batizados têm igual dignidade: “Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e grego, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito” (1Cor 12,13); escrevendo aos Gálatas, esta lista se amplia ainda mais: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). O emprego dos verbos, seus movimentos e nuances, bem como dos campos semânticos e elementos retóricos, são fundamentais para uma estruturação e compreensão bíblico-teológica de 1Cor 11,3. Desta forma, o exercício da segmentação, tradução e análise das notas de crítica textual ajudam na obtenção de uma análise mais acurada.

### 1.1. Segmentação e tradução do texto de 1Cor 11,3

Para se obter uma melhor compreensão do que o autor quis transmitir aos destinatários de sua carta, bem como aos leitores/ouvintes

contemporâneos, é importante oferecer o texto na língua original e uma tradução, a fim de se poder trabalhar a partir do mesmo. O texto em questão (1Cor 11,3) contém uma beleza impar e uma importância monumental para se entender a relação entre homens e mulheres. Por isso, é importante pensar nos vários significados que cada vocábulo pode ter tanto na língua de saída (grego) quanto na língua de chegada (português). Muitas vezes, há palavras e frases que são quase incompreensíveis, como as expressões idiomáticas de cada língua. Isso torna a tarefa mais difícil, mas não impossível. A responsabilidade de preservar a coerência interna e o significado original da língua de saída recai sobre o tradutor, que deve escolher a palavra na língua de chegada que mais se encaixa no contexto original, a fim de extrair a mensagem que possivelmente o autor bíblico quis transmitir ao seus leitores e ouvintes, a qual continua sempre válida aos leitores e ouvintes hodiernos.

**Tabela 2** – Segmentação 1Co 11,3

Θέλω δέ <sup>3</sup>	v.3a	E quero
ὑμᾶς εἰδέναι	v.3b	(que) vós saibais
ὅτι παντὸς ἀνδρὸς ἡ κεφαλὴ ὁ Χριστὸς ἐστίν,	v.3c	que de todo homem a cabeça é Cristo
κεφαλὴ δὲ γυναικὸς ὁ ἀνὴρ,	v.3d	e a cabeça da mulher, (é) o homem
κεφαλὴ δὲ τοῦ Χριστοῦ ὁ θεός.	v.3e	e a cabeça de Cristo, (é) Deus.

Fonte: elaboração própria

## 1.2 Crítica Textual e análise do aparato crítico

No v.3 – Os manuscritos B\*, D\*, F, G testemunham a ausência do artigo (ὁ). Entretanto, ele se faz presente nas seguintes testemunhas:  $\mathfrak{P}^{46}$   $\aleph$  A B<sup>c</sup> C D<sup>2</sup> K L P  $\Psi$  33. 81. 104. 365. 630. 1175. 1241. 1505. 1739. 1881. 2464.  $\mathfrak{M}$  . ; Cl. O Comitê central da NA<sup>28</sup>, para tomar a decisão de inclui-lo, optou por manuscritos de maior peso para o caso, como os códices  $\mathfrak{P}^{46}$   $\aleph$  A B C 1241. 2464. Aqui, talvez seja importante explicar algo: na introdução de NA28, no tópico “Testemunhas citadas de forma consistente e com

<sup>3</sup> Outra tradução para a conjunção coordenativa ou partícula conjuntiva é com valor adversativa: “mas, porém”. A nossa opção, porém, foi manter o valor de conjunção, “e”.

frequência nas cartas paulinas”<sup>74</sup>, há uma lista de papiros, unciais, minúsculos, lecionários e famílias minúsculas de maior importância para as cartas paulinas, os quais devem ser “pesados” em sua “autoridade” (valor) e antiguidade e não “contados” em sua soma numérica (Gonzaga, 2015, p. 222). Além disso, é importante ter cuidado, especialmente quando se encontra com um manuscrito como o códice Vaticano (B), que é considerado “com grande vantagem sobre os demais, o mais significativo dos unciais” (Aland, Barbara, Aland, Kurt, 2013, p. 117) e como sendo

o mais valioso de todos os manuscritos do NT. É o que contém, proporcionalmente, o menor número de erros escribais e, juntamente com o Códice Sinaítico, representa uma forma de texto que deve ter circulado no Egito antes mesmo do ano 200. Tal conclusão se baseia na íntima correspondência textual existente entre esses dois manuscritos e os papiros  $\mathfrak{P}^{66}$  e  $\mathfrak{P}^{75}$ , ambos datados do final do segundo ou início do terceiro século. (Paroschi, 2014, p. 52)

Diante do peso dos manuscritos, opta-se por seguir a variante sustentada pelo Comitê central da NA<sup>28</sup>.

### 1.3 Contexto da literário

Sendo a Bíblia uma compilação de livros inspirados por Deus mas escritos por mãos humanas em vários períodos diferentes da história, é natural que cada autor tenha utilizado determinada forma literária para comunicar a mensagem pretendida. No Novo Testamento, em especial, há pelo menos três gêneros literários – evangelho, carta/epístola e apocalíptico. É interessante a colocação de Dibelius de que “os gêneros literários estão estritamente ligados às necessidades e tarefas das comunidades primitivas” (Dibelius *apud* Wegner, 1998, p. 169).

Desta forma, é possível elucubrar que o autor, ao escolher um determinado estilo literário, tinha o intento de ser o mais assertivo no seu texto para tratar das dúvidas, conflitos e preocupações que encapsulavam os seus interlocutores. Assim, como descreve Gunkel, para se determinar um

---

<sup>4</sup> NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*, 2012, p. 64-66. Para 1Co a ordem é:  $\mathfrak{P}^{11}$ ,  $\mathfrak{P}^{14}$ ,  $\mathfrak{P}^{15}$ ,  $\mathfrak{P}^{34}$ ,  $\mathfrak{P}^{46}$ ,  $\mathfrak{P}^{61}$ ,  $\mathfrak{P}^{68}$ ,  $\mathfrak{P}^{123}$ ;  $\aleph$  (01), A (02), B (03), C (04), D (06), F (010), G (012), H (015), I (016), K (018), L (020), P (025),  $\Psi$  (044), 048, 075, 088, 0121, 0185, 0199, 0201, 0222, 0243, 0270, 0278, 0285, 0289; 33, 81, 104, 365, 630, 1175, 1241, 1505, 1506, 1739, 1881, 2464, / 249, / 846.

gênero literário é necessário inquirir o texto a partir de quatro etapas: 1) conhecer a autoria da perícopes; 2) entender quem são os receptores; 3) saber qual o contexto que abarca os destinatários naquele momento; 4) perscrutar o objetivo pretendido pelo autor (Wegner, 1998, p. 174).

No caso específico do texto estudado, antes de classificá-lo, é importante fazer uma pequena observação. Durante algum tempo, muitos teólogos entenderam carta e epístola como terminologias intercambiáveis e sinônimas. Entretanto, como bem demonstrou Deissmann, existe uma diferença basilar entre os termos. Se por um lado epístola “era um exercício literário artístico, que via de regra apresentava um ensinamento moral a um público geral e era destinada a publicação” (Deissmann *apud* Brown, 2004, p. 550), por outro lado, carta “era um meio não-literário de trocar informações entre um escritor e um correspondente concreto, separados um do outro pela distância” (Deissmann *apud* Brown, 2004, p. 550). Neste horizonte, pode-se classificar a perícopes como pertencente ao gênero literário conhecido como carta.

Quanto às etapas metodológicas de Gunkel, é de aceite comum entre os principais acadêmicos de que o apóstolo Paulo é o autor da carta.<sup>5</sup> Ela foi escrita pelo apóstolo à igreja localizada na cidade de Corinto para tratar de problemas comportamentais específicos da comunidade local (Foulkes, 1996, p. 36). Entretanto, Fee acrescenta a possibilidade de que um outro grande problema, talvez até maior, estivesse ocorrendo: uma divisão na autoridade doutrinária dentro da igreja motivada por líderes locais que estariam ensinando “uma teologia” diferente da que receberam do fundador da comunidade, Paulo (Fee, 2019, p. 6-7). Assim, os objetivos de Paulo seriam ensinar e exortar os coríntios em relação ao evangelho e defender a sua autoridade, aliás, como ele também faz em outras cartas, a exemplo de Gálatas, na qual ele conclama a todos para a “verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e alerta para o fato de que outros estão espalhando um “outro evangelho” (Gl 1,6-7), igualmente em 2Cor 11,4, texto no qual o apóstolo menciona que há pessoas pregando um Jesus e um evangelho diferentes do que ele pregou à comunidade. As reações esperadas, possivelmente, envolviam o arrependimento para os que estavam agindo de forma errada, o esclarecimento de algumas dúvidas e o reconhecimento por parte da comunidade em relação à autoridade paulina.

---

<sup>5</sup> Don Carson, Douglas Moo, Craig Blomberg, Gordon Fee, Irene Foulkes, Ivoni Reimer, Raymond Brown e Uwe Wegner são apenas alguns de um grupo extremamente grande de teólogos favoráveis à autoria paulina.

## 1.4 Contexto Histórico-Sociocultural dos Coríntios nos dias de Paulo

Um dos passos fundamentais no processo exegético é compreender os contextos circundantes do texto. Para isso, esta parte da seção intenta aquilatar o contexto histórico-sociocultural no qual estava inserido o público-alvo desta carta paulina.

É possível dizer que a cidade de Corinto teve duas fundações: a primeira não se sabe ao certo a data, mas o seu fim fora decretado pelos romanos em 146 a.C. Além disso, sabe-se que durante o conflito os cidadãos da cidade foram mortos ou escravizados. Porém, com Júlio César, general e ditador romano, em 46 d.C., a cidade é novamente reconstruída e começa gradualmente a ganhar relevância. Em 29 a.C., ela se torna uma sede proconsular e capital senatorial da Acaia (Carson, Moo, Moris, 1997, p. 291-292). Robinson descreve o contraste sofrido pela cidade desde a sua refundação até os tempos paulinos.

A paisagem de Corinto foi dramaticamente transformada no início do período romano, quando se planejou fazer de uma zona que era amplamente sagrada e cerimonial o centro cívico da cidade. Em meados do século I d.C., a parte central de Corinto era dominada por edifícios de “aparência romana”. (Robson, 2005, p. 113, tradução nossa)<sup>6</sup>

A reestruturação da cidade abarcou indivíduos diversos do Império como escravos libertos, soldados aposentados, judeus, descendentes dos desertados romanos, gregos etc. De fato, Corinto foi uma cidade urbana repaginada pelo Império Romano. Assim, na época de Paulo, pode-se dizer que a cidade era nominalmente grega, mas sua “aparência” e sua estrutura interna era romana (cultura, religiões e, principalmente, a lei), contexto este revelador para compreensão do sentimento identitário e cultural na qual a Corinto romana foi moldada e forjada.

Por mais que essas mudanças simbolizassem uma opressão romana, Corinto era uma cidade grega extremamente relevante dentro do império. Sua proximidade geográfica com Atenas – que, na época de Paulo já não era a grande potência intelectual de outrora, mas ainda possuía resquício de sua

---

<sup>6</sup> Texto original: The Corinthian landscape was dramatically transformed in the early Roman period, when what had once been a largely sacred and ceremonial zone was laid out as the colony’s civic center. By the mid-first century C.E., central Corinth was dominated by very “Roman-looking” buildings.

fama –, dava à cidade certo prestígio intelectual. Além disso, a localização estratégica da cidade também permitia destaque no âmbito econômico, uma vez que possibilitava o controle da circulação do comércio terrestre entre a Ásia e a Itália (Fee, 2019, p. 11). Isto, porque, devido à geografia do local, a cidade era um istmo (ou seja, uma faixa de terra rodeada por dois mares – o Adriático e o Egeu). Por conseguinte, os marinheiros deslocavam-se por terra ao invés de navegarem os mais de 160 quilômetros que envolvem o extremo sul da Acaia (Blomberg, 2019, p. 225).

Em relação às redes de relações sociais, Chow lembra que os coríntios do século I d.C. foram ensinados a viver em um regime hierárquico no qual o imperador ocupava a parte mais alta; em seguida, localizavam-se os funcionários romanos; abaixo deles, os homens notáveis da cidade; e, por fim, na base da pirâmide, o povo. Desta forma, este modelo de estrutura de poder política ressoava para o cotidiano dos cidadãos e de suas famílias. Era algo similar a uma hierarquia patronal.<sup>7</sup>

Se o patronato era parte tão importante da vida da Corinto romana, seria de todo irrealista esperar que os cristãos ali residentes estivessem totalmente infensos à sua influência e se comportassem de maneira totalmente nova logo depois de sua conversão. Pelo contrário, é bem provável que o patronato venha a ser o fundamento da compreensão dos vínculos relacionais da Igreja e de alguns dos problemas que Paulo discutiu em 1Coríntios. (Chow, 2004, p. 19)

Essa concepção hierárquica é fundamental para se entender as relações familiares e o contexto no qual as mulheres estavam inseridas. Uma vez que as mulheres estavam subordinadas a um regime patriarcal e patronal, pode-se imaginar como suas narrativas foram silenciadas neste período. O condicionamento natural, ou seja o biológico, estava inexoravelmente atrelado ao papel social, sendo este último o agente condicionador. À mulher grega cabia o papel de reprodutora do lar, bem como a disciplina e educação da prole dentro da sociedade coríntiana (Zaidman, 1990, p. 427), aliás, como era comum às sociedades de então e da região. Embora as mulheres fossem vistas como reprodutoras e mantenedoras da saúde existencial do lar, porém,

---

<sup>7</sup> “(...) um vínculo patrono-cliente é basicamente uma relação assimétrica de troca. As partes em ambas as extremidades de um tal vínculo são desiguais no controle de recursos, diferindo com consequência disso em termos de poder e de status. Essas partes se acham vinculadas entre si principalmente porque essa sua ligação pode servir a seus interesses mútuos mediante a troca de recursos.” Chow, 2004, p. 112.

seria um erro achar que elas não possuíam direitos civis como os homens. Além disso, a proeminência religiosa nos cultos oferecidos à deusa Afrodite era das mulheres. Inclusive, para Engels, esse destaque feminino dentro da religião pagã pode ter sido um dos motivos para os choques culturais entre Paulo e as mulheres convertidas ao cristianismo na igreja de Corinto.

Paulo também teve dificuldades com mulheres independentes, que oravam e profetizavam na igreja, às vezes até com suas cabeças descobertas - uma prática perturbadora para alguém com a formação cultural de Paulo. Uma vez novamente, este é um conflito de valores entre as culturas judaica e greco-romana. Mulheres que gozavam de muitos dos mesmos direitos civis que os homens (o direito de se divorciar, de receber e deixar herança, de possuir propriedade e de fazer contratos), e que desempenhavam papéis proeminentes em cultos pagãos e misteriosos, eram improváveis de serem humildes como Paulo teria desejado. (Engels, 1990, p. 111, tradução nossa).<sup>8</sup>

Assim, a igreja de Corinto, que fora fundada durante a segunda viagem missionária de Paulo, estava circundada por todas essas situações. Embora não haja consenso entre os especialistas, é provável que a comunidade cristã tenha sido fundada em 50/51 d.C. e fosse predominantemente gentílica (Blomberg, 2019, p. 227). A composição socioeconômica da igreja, majoritariamente, era de pessoas sem ascendência na escala social – o que não anula a possibilidade de famílias ricas constituírem a *ekklesia*. Talvez, a grande questão seja o fato de que a cosmovisão da igreja de Corinto ainda sofresse com visões externas à essência cristã. As atitudes, demasiadamente, helenísticas e os desvios comportamentais e éticos podem ter motivado o fundador da igreja, o apóstolo Paulo, a enviar a carta – possivelmente em 55 d.C. (Fee, 2019, p. 5), com a finalidade de ajudar a comunidade em sua caminhada no segmento de Cristo, explanando vários pontos, inclusive a relação existencial entre homens e mulheres, objeto de nossa perícopes de 1Cor 11,3.

---

<sup>8</sup> Texto original: Paul also experienced difficulties with independent women, who prayed and prophesied church, sometimes even with their heads uncovered—a disturbing practice to someone with Paul’s cultural background. Once again, this is a conflict of values between Jewish and Greco-Roman culture. Women who enjoyed many of the same civil rights as men (the right to divorce, inherit, bequeath, own property, and make contracts), and who played prominent roles in pagan and mystery cults, were unlikely to be as humble as Paul would have wished.

## 2. Abordagens sobre κεφαλή

Em 1Cor 11,3, Paulo escreve: “E quero (que) vós saibais que de todo homem a cabeça é Cristo e a cabeça da mulher (é) o homem e a cabeça de Cristo (é) Deus”. É dividir a estrutura do v.3 em três partes: 1) Cristo é o Cabeça do homem (v.3c); 2) o homem é o cabeça da mulher (v.3d); 3) Deus é o cabeça de Cristo (v.3e), sobressaindo-se consideravelmente o uso amiúde do vocábulo cabeça (κεφαλή). Assim, torna-se deveras importante compreender o que Paulo intenta comunicar aos coríntios com o termo “κεφαλή/cabeça”. Por que deliberadamente ele usa tão enfaticamente essa figura de linguagem para retratar a ontologia relacional das partes envolvidas? Uma possível resposta a essa pergunta pode nos ajudar na compreensão da mensagem cristã para a igreja hodierna.

### 2.1 A abordagem tradicional

Uma das abordagens hermenêuticas mais predominantes, e ainda hoje comumente citada pela ala mais tradicionalista e fundamentalista do evangelicalismo, fora desenvolvida pelo teólogo norte-americano Wayne Grudem, que estabeleceu uma análise exegética em defesa da hierarquização das relações – em especial, a subjugação feminina à masculina. Para o autor, todas as vezes no Novo Testamento em que o termo aparece como metáfora há uma clara, direta e objetiva referência a algum nível de organização estrutural (Gruden, 1985, p. 38-59). Além disso, Grudem utiliza mais três argumentos para a sua tese: o primeiro diz respeito a uma busca na literatura grega compreendida entre os séculos 4 a.C. e 8 d.C. Nessa análise, foram encontradas 2.336 ocorrências de “κεφαλή/cabeça”, que – em sua grande maioria – podem ser interpretadas como “autoridade sobre algo ou alguém” (Gruden, 1985, p. 49). Em seguida, ele aduz os textos do Antigo Testamento, na versão dos setenta (LXX), e observa 37 ocorrências que fazem jus à sua tese (Gruden, 1985, p. 55). Por fim, há o argumento da tradição, representada na interpretação dos Padres da Igreja, os quais comumente interpretaram o vocábulo como “autoridade sobre alguém” (Gruden, 1985, p. 49).

A interpretação hierárquica de Grudem parece encontrar ecos na hermenêutica sociocultural. Perscrutando o contexto de 1Cor 11,3, Foulkes compreende que o texto paulino manifesta uma concessão clara a relações estruturais de poder (externas e estranhas aos princípios cristocêntricos) ao subjugar as mulheres aos parâmetros masculinos de espiritualidade. Foulkes toca em um ponto nevrálgico ao dizer que:

Paulo (...) pediu às mulheres que adaptassem o seu critério de liberdade às suscetibilidades dos homens. Desta maneira, se introduz na igreja, a partir desse momento inicial de sua história, uma prática muito comum da sociedade: responsabilizar as mulheres pelas fraquezas do homem. Somente uma autolimitação quanto à sua aparência pessoal poderia permitir as mulheres alcançar a autoridade necessária para cumprir o seu ministério. (Foulkes, 1993, p. 142, tradução nossa)<sup>9</sup>

Dentro desse mesmo fulcro intelectual, Schottruff enfatiza que uma das dificuldades da passagem é “que Paulo argumenta massivamente com a diferença (social) dos sexos” (Schottruff, 1995, p. 108) ao usar “κεφαλή/*cabeça*” para estabelecer uma supraposição dos homens sobre as mulheres.

A confluência interpretativa da passagem entre os representantes das áreas bíblica e sociocultural encontra apoio também entre especialistas neotestamentários. Schnelle, versado no pensamento paulino, percebe um traço claro de subordinação na teologia paulina (Schnelle, 2010, p. 505). Da mesma forma, Ladd declara: “Paulo retém a ideia judaica da subordinação da mulher ao homem. A cabeça de cada homem é Cristo, e a cabeça de cada mulher é o seu marido” (Ladd, 2003, p. 708).

Por outro lado, ainda que teólogos e teólogas de certa proeminência interpretem a passagem de 1Cor 11,3 desta forma, o vocábulo “κεφαλή/*cabeça*” abre possibilidades para um arcabouço hermenêutico contrário ao modo tradicional, como se percebe ao analisar exegeticamente o texto bíblico a partir da fonte grega.

### **3. Novas perspectivas para κεφαλή**

Existem, pelo menos, dois entendimentos diferentes da visão tradicional de “κεφαλή/*cabeça*”: 1) a primeira ficou comumente conhecida como “abordagem da fonte/origem”, e procura aduzir novas bases epistemológicas um tanto divergentes à visão hierárquica; 2) a segunda, “a abordagem da proeminência”, tem sido abraçada por alguns teólogos e teólogas no campo acadêmico como uma via intermediária entre a “abordagem hierárquica” e a “abordagem da fonte/origem”.

---

<sup>9</sup> Texto original: Pablo (...), pidió a las mujeres que adaptaran su criterio de libertad a las susceptibilidades de los hombres. De esta manera se introdujo en la iglesia, desde este momento inicial de su historia, una práctica demasiado común en la sociedad: responsabilizar a la mujer por las debilidades del hombre. Solamente con una autolimitación en cuanto a su arreglo personal podían las mujeres alcanzar la autoridad necesaria para cumplir su ministerio.

### 3.1 A abordagem da fonte/origem

A abordagem da fonte procura realizar uma análise cultural do mundo greco-romano do século primeiro para buscar respostas para o uso paulino da metáfora “κεφαλή/cabeça” no texto. Assim, o primeiro a levantar a possibilidade de uma interpretação diferente para “κεφαλή/cabeça” foi Bedale, em 1954, com o artigo *The meaning of κεφαλή in the Pauline Epistles* [O significado de κεφαλή nas epístolas paulinas]. Bedale defende que o sentido metafórico de “κεφαλή/cabeça” no mundo helenista de Paulo não era de “líder, autoridade ou chefe”, mas sim “fonte ou origem” de algo ou alguém (Bedale, 1954, p. 211-215).

Neste contexto, a estrutura inicial de 1Cor 11,3 – Cristo/Homem, Homem/Mulher e Deus/Cristo –, teria uma nova conjuntura hermenêutica. Paulo estaria defendendo três pontos na mesma sentença: que a origem do homem é Cristo; que a fonte da criação da mulher é o homem; e que o formador da estrutura física, humana, de Cristo, seria Deus. Existem, pelo menos, três abordagens diferentes dentro desta interpretação.

#### a) Sentido existencial

Os pilares da teologia paulina estariam sendo construídos e arraigados em um arcabouço estrutural puramente existencialista e não hierarquista, e isso faria coerência com a própria cosmovisão de Paulo, que em anos anteriores à carta aos coríntios já havia estabelecido uma das declarações bíblico-teológicas mais cristocêntricas do Novo Testamento, a saber: “οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος οὐδὲ Ἕλληνα, οὐκ ἔνι δοῦλος οὐδὲ ἐλεύθερος, οὐκ ἔνι ἄρσεν καὶ θῆλυ· πάντες γὰρ ὑμεῖς εἷς ἐστε ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ./Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28).

Por outro lado, ainda que seja deveras importante aquilatar parâmetros externos às Escrituras Sagradas como fonte contextual histórica, observar o contexto intratextual da própria perícopa é fundamental para encontrar bases sólidas para esta possibilidade interpretativa. Em outras palavras, há necessidade de evidências internas que consubstanciem o fulcro deste pensamento bíblico-teológico. Neste contexto, Fee ressalta que a própria estrutura do texto fornece insumos positivos para a abordagem da fonte:

(...) a maneira de Paulo entender a metáfora e com quase toda a certeza a única que os coríntios teriam entendido é de “cabeça” como “fonte”, especialmente “fonte de vida” ou origem. Isso parece ser corroborado pelas duas frases explicativas no parágrafo seguinte (v. 8,9), a única passagem em que uma dessas relações é retomada e aprofundada no argumento de Paulo.

Ali ele afirma explicitamente que o homem foi a fonte original da mulher (cf. v. 12). Assim, a preocupação de Paulo não é hierárquica (quem tem autoridade sobre quem), mas relacional (as relações peculiares determinadas pelo fato de alguém ser a fonte da existência de outrem). Aliás, ele não diz nada sobre a autoridade do homem; sua preocupação é com a mulher ser glória do homem, aquela pessoa sem a qual ele não é completo (v. 7c-9). (Fee, 2019, p. 632)

Fee lembra, precisamente, que não há menção direta e nem estabelecimento de nenhuma autoridade masculina no texto. O objetivo é puramente relacional e não hierárquico. É como se Paulo estivesse estabelecendo um paralelismo com a origem do primeiro casal e demonstrando, assim, uma codependência entre os gêneros. “O homem” está para Adão assim como “a mulher” está para Eva. O “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13) estaria, então, estabelecendo uma dialética com texto de Gn 1,26/27 e aduzindo o raciocínio de que a partir de Adão a mulher foi criada por YHWH. Em contrapartida, após este momento inicial, é por meio da mulher que o homem vem ao mundo. Tem-se aqui as bases de um círculo hermenêutico existencial. É interessante que dentro deste constructo paulino, a imanência lógica do seu raciocínio termina quando se irrompe no texto o componente transcendental. É em 1Cor 11,2 que Paulo encerra o seu pensamento teórico explicando que todo este processo existencial só acontece porque há uma causa primeira supranatural: Deus, a fonte primeva de ambos os gêneros, para, então, focar seu argumento em 1Cor 11,3, sobre o tema da “κεφαλή/cabeça”.

## b) Sentido autoritativo

Por outro lado, embora o sentido de fonte/origem para “κεφαλή/cabeça” seja adotado, alguns acadêmicos insistem em entender o termo como elo *a posteriore* hierárquico. Assim, o vocábulo estaria indicando que a fonte de autoridade da mulher é o homem, e a fonte de autoridade do homem é Cristo. Um dos idealizadores dessa posição foi Ivan T. Blazen no final da década de 70. Para ele, a “‘cabeça’ é usada para indicar a fonte através da qual a autoridade é derivada. A autoridade é real, mas está conectada com outra. Se a autoridade de alguém é derivada, essa pessoa não deve agir com independência, mas em conjunto” (Blazen *apud* Pardosi, tradução nossa).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> “head” is used to indicate the source through which authority is derived. The authority is actual but connected with another. If one’s authority is derived, that person should not act in independence but in concert. PARDOSI, Milton., The Application of Women Wearing Head Covering and Their Role in Ministry - Based on 1 Corinthians 11:3-6 and 14:34,35, 2017, p. 86; tradução nossa.

Em concomitância ao pensamento de Blazen, Tucker - mais do que um escrutínio filológico da palavra - procurou analisar a história interpretativa do termo entre os Padres da Igreja (Clemente, Tertuliano, Ambrósio e Agostinho) e Calvino. Tucker aponta que o sentido mais utilizado no passado foi autoritativo (Tucker, 1986, p. 117). Por outro lado, se o argumento histórico utilizado por Tucker está arvorado na tradição, a especialista em estudos do Novo Testamento Catherine Kroeger também apontou alguns Padres da Igreja reticentes a este modelo interpretativo: Atanásio, Cirilo de Alexandria, Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo são alguns dos teólogos que recusaram veementemente dar qualquer cunho autoritativo ao vocábulo “κεφαλή/cabeça” (Kroeger, 2008, p. 167-168).

### c) Sentido espiritual

Jerome Murphy-O'Connor, em *Keys to first Corinthians [Chaves para primeira aos Coríntios]*, estabelece uma relação bem interessante com a nova criação iniciada pela obra da cruz de Cristo. “Se vamos nos apoiar em argumentos sólidos, é preferível evocar a atividade causal de Cristo na nova criação (2 Coríntios 5:17) da qual temos uma declaração muito clara nesta epístola, ‘*ex autou de hymeis este in Christô Iêsou*’ (1:30); Cristo é responsável pelo novo ser dos crentes” (Murphy-O'Connor, 2009, p. 152, tradução nossa).<sup>11</sup>

O pensamento de Murphy-O'Connor não se restringe apenas à perícopo ou à Primeira carta aos Coríntios, mas dialoga com a Segunda carta aos Coríntios a fim de estabelecer uma compreensão para o vocábulo dentro das estruturas teológicas do “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13). Assim, porque a nova criação se dá para aqueles que estão em Cristo, há uma *rehumanização* para os que foram regenerados. Para o teólogo:

A resposta fica clara quando se reconhece que Paulo está, de fato, usando duas linhas de argumento. A primeira é a diferenciação dos sexos com base em Gênesis 1,26-7 e 2,18-22 (v. 7-9). A segunda é o fato de que a mulher recriada tem uma autoridade igual à do homem (v. 10-12). Os dois estão relacionados (dia touto, v. 10) na medida em que a mulher tem esse poder precisamente como mulher. (Murphy-O'Connor, 2009, p. 156, tradução nossa)<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Texto original: If we are to rely on solid arguments, it is preferable to evoke the causal activity of Christ in the new creation (2 Cor 5:17) of which we have a very clear statement in this epistle, *ex autou de hymeis este in Christô Iêsou* (1:30); Christ is responsible for the new being of the believers.

<sup>12</sup> Texto original: The answer becomes clear when it is recognized that Paul is, in fact, using two lines of argument. The first is the differentiation of sexes based on Gen 1:26-7 and 2:18-22 (vv. 7-9). The second is the fact that the recreated woman has an authority equal to that of the man (v. 10-12). The two are related (dia touto, v. 10) inasmuch as the woman has this power precisely as a woman.

A nova criação é fundamental para entender a resignificação trazida às mulheres dentro do cristianismo. Baumert, seguindo a mesma linha, destaca que os problemas relacionais entre homens e mulheres – onde os primeiros, por vezes, colocaram-se como superiores –, originaram-se a partir do pecado. Entretanto, através da obra do Espírito Santo aqueles que foram regenerados devem buscar uma purificação na sua mentalidade a fim de que a igualdade seja atingida.

Se tomamos a sério a criação como criação e deixamos de lado o mau uso por meio do pecado, na imagem da cabeça/origem e brilho/glória/desdobramento/ponto alto poderia reluzir um modelo de beleza no qual ambos — na “nova criação” purificada e influenciada pelo Espírito pentecostal — compreendem de forma nova sua correlação, sem que nisso transpareça superioridade ou humilhação, e ninguém privilegia a si ou a outrem. (Baumert, 1999, p. 277)

Uma hermenêutica mais espiritualizada e libertadora parece fazer mais sentido quando aquilata-se a perícopo dentro do pensamento paulino. Entretanto, essa interpretação também exala algumas dificuldades exegéticas. Por exemplo, se o sentido de “κεφαλή/cabeça” aponta para uma regeneração ou uma nova criação, então Paulo estaria advogando que em algum momento Cristo foi recriado/regenerado? Em meio à essa dificuldade, Fee rechaça essa possibilidade hermenêutica.

“Deus é o *kephalé* de Cristo”, não é uma declaração cristológica no sentido ontológico; ou seja, dificilmente Paulo está pensando na “geração eterna” do Filho procedendo do Pai. Em vez disso, refere-se à obra de encarnação de Cristo. Deus é a fonte de Cristo, o qual, por meio de sua redenção, se tornou a fonte de “todo homem”. (Fee, 2019, p. 633-634)

Embora não se possa afirmar a real intenção de Paulo quando escreveu 1Cor 11,3, há certa plausibilidade para pensar que o apóstolo não estava a pensar na “geração eterna” do Filho, uma vez que na sua própria teologia ele advoga a divindade do Filho acima de toda a criação e tendo coeternidade com o Pai.<sup>13</sup>

Desta forma, compreender “κεφαλή/cabeça” como fonte/origem parece ser uma possibilidade coerente à teologia paulina. Por outro lado,

---

<sup>13</sup> Filipense 2:5-7 é um exemplo claro de defesa paulina à divindade de Cristo.

há uma segunda alternativa que intenta ser uma visão intermediária entre a interpretação da fonte/origem e a hierárquica, como se pode conferir a seguir.

### 3.2 A abordagem da proeminência

A abordagem da proeminência também propôs um sentido metafórico para “κεφαλή/cabeça”, mas levou em consideração a fisiologia do ser humano para interpretar o termo. Cervin, ainda nos anos 80, baseando-se na literatura grega dos primeiros séculos, defendeu que os gregos faziam um paralelismo com a estrutura dos seres humanos quando utilizavam “κεφαλή/cabeça”. Sendo a cabeça o membro de maior proeminência do corpo, uma vez que o termo fosse utilizado estaria querendo enfatizar a importância de algo ou alguém (Crevin *apud* Kroeger, 2008, p. 165).

A partir do anos 90, Fitzmyer objetivou uma exegese mais acurada da passagem a partir dos escritos de Filo de Alexandria, de Josefo e da própria LXX, e destacou que os leitores paulinos dificilmente não associariam o vocábulo “κεφαλή/cabeça” a algum sentido de posição de destaque (Fitzmyer, 1993, p. 52-59). Fitzmyer se aproxima da concepção tradicionalista, defendida por teólogos como Grudem, embora use uma outra roupagem para seus argumentos. Recentemente, inclusive, em 2008, ele reforçou o seu entendimento de proeminência masculina e negou qualquer possibilidade escriturística que fundamentasse a autoridade feminina em igualdade à masculina (Fitzmyer, 2008, p. 406-408).

Neste contexto, ainda nos anos 90, Perriman trouxe uma nova interpretação para o texto. Para ele, a perícopes de 1Cor 11,2-16 é clara no estabelecimento da proeminência masculina sobre a feminina, mas diferentemente dos seus antecessores ele observa que isto estaria restrito à adoração durante o culto público.

A questão entre o homem e a mulher nesta passagem não é nem de autoridade e nem de origem, mas sim de se o comportamento da mulher na adoração traz glória ou desonra para o homem. O ponto parece ser, portanto, que o comportamento da mulher se reflete no homem que como cabeça é representante dela, o parceiro proeminente do relacionamento, ou que o status e o valor da mulher se resumem no homem. Quase podemos dizer que ‘o homem é a cabeça da mulher’ e ‘a mulher é a glória do homem’ são afirmações recíprocas. Desta forma, mantém-se a ênfase fundamental da passagem sobre a aparência do homem e da mulher: imagem e glória, ao contrário das ideias abstratas de autoridade e fonte, são categorias visuais e

apropriadamente incorporados nas formas de trajes pessoais. (Perriman, 1994, p. 621-622, tradução nossa)<sup>14</sup>

Pela análise de Perriman é possível compreender que o seu pensamento orbita dentro de um sistema androcêntrico no qual o homem encontra-se no centro e a mulher, assim como os planetas ao redor do sol, orbita em torno dele. A glória do homem cristão estaria, pois, condicionada ao comportamento da mulher cristã durante o culto público.

Essa exegese encontrou ressonância entre alguns teólogos estudiosos do tema. Recentemente, em 2013, Anthony Thiselton, ao lançar o seu comentário exegético sobre a primeira carta de Paulo aos Coríntios, traduziu “κεφαλή/cabeça” como “proeminência”, ao invés de “cabeça”. Entretanto, se por um lado em sua exegese dinâmica há pontos de contato com a visão da proeminência, por outro lado parece não haver compactuação com a hermenêutica androcêntrica de Perriman, uma vez que Thiselton não fecha a questão sobre a possibilidade interpretativa que proeminência pode ter no texto (Thiselton, 2013, p. 800-804).

Entender o homem cristão como “proeminente” em relação à mulher e a mulher como glória do homem, como Perriman defende, é o que Paulo está propondo aqui? Se sim, onde na perícopé isso se evidencia? Por que o comportamento de qualquer mulher produziria reflexo no homem? Em que parte da teologia paulina, e mais especificamente de 1Cor 11,3, isso estaria claro? Como Murphy-O’Connor propôs, o constructo teológico de Perriman só tem algum sentido se for baseado no pressuposto de que Paulo estaria escrevendo essa parte da perícopé para os casados: “O ponto parece ser, portanto, que o comportamento da mulher reflete sobre o homem que, como cabeça dela, é o representante dela, o parceiro proeminente no relacionamento” (Murphy-O’Connor,

---

<sup>14</sup> Texto original: At issue between the man and the woman in this passage is neither authority nor origin, but the question of whether the woman’s behaviour in worship brings glory or dishonour on the man. The point seems to be, therefore, that the behaviour of the woman reflects upon the man who as her head is representative of her, the prominent partner in the relationship, or that the woman’s status and value is summed up in the man. We might almost say that ‘man is the head of woman’ and ‘woman is the glory of man’ are reciprocal statements. This, moreover, is in keeping with the fundamental emphasis in the passage on the appearance of the man and the woman: image and glory, unlike the abstract ideas of authority and source, are visual categories and appropriately embodied in the forms of personal attire.

2009, p. 168, tradução nossa).<sup>15</sup> Mas onde isso fica explícito em 1Cor 11,3? Pelo contrário, é da práxis do apóstolo ser minucioso nas suas recomendações e ser específico quando quer se dirigir a um determinado grupo - 1Cor 7 é um bom exemplo do processo metodológico adotado por Paulo nesta carta.<sup>16</sup> Desta forma, 1Cor 11,3 não parece dar demonstrações de que se trata de uma passagem que abarca assuntos matrimoniais. Como Conzelmann descreve:

É verdade que os intérpretes muitas vezes fazem alusão [quando interpretam essa passagem] ao relacionamento conjugal, isto é, ao marido. A subordinação é usada para explicar o status da mulher no casamento. No entanto, não são as questões do casamento que estão sendo discutidas aqui, mas questões da comunidade (tradução nossa). (Conzelmann, 1988, p. 184, tradução nossa)<sup>17</sup>

Assim, a proposta da “proeminência”, embora suavize a questão hierárquica, igualmente perpetua a inferiorização do papel da mulher na sociedade. Um dos motivos para essa insistência pode estar na dialética exegética com a tradição bizantina, que entendia “κεφαλή/*cabeça*” como “chefe”, “senhor” ou alguém que está em posição de “liderança”. Isso ocorreu porque κεφαλή e a palavra hebraica *ro'sb* nesta época passaram a ter o mesmo sentido. Entretanto, como demonstraram Beberkeley Mickelsen e Alvera Mickelsen, com raras exceções, os tradutores da Septuaginta (LXX) optaram por outras palavras para traduzir *ro'sb* quando o vocábulo transmitia sentido de poder ou autoridade. Κεφαλή não era a palavra escolhida na grande maioria dos casos (Mickelsen, Berkeley, Mickelsen, Alvera *apud* Kroeger, 2008, p. 167). Desta forma, parece não ser o mais adequado utilizar a interpretação bizantina para o vocábulo, uma vez que ela difere consideravelmente do sentido do escrito na época do Novo Testamento.

---

<sup>15</sup> Texto original: The point seems to be, therefore, that the behaviour of the woman reflects upon the man who as her head is representative of her, the prominent partner in the relationship.

<sup>16</sup> Em 1 Co 7, todas as vezes que Paulo intenta dirigir-se a um grupo específico de cristãos, ele o faz citando-o nominalmente. Assim, ele começa se dirigindo aos maridos, depois às esposas, segue para os solteiros e viúvos, e termina retornando aos casados.

<sup>17</sup> Texto original: It is true that interpreters often allude to the marriage relationship, that is, to the husband. The subordination is said to mean the status of the woman in marriage. Yet it is not questions of marriage that are being discussed here, but questions of the community.

## **Considerações finais**

Com base nas evidências apontadas por este estudo, parece ser inadequado a interpretação tradicional, que entende 1Cor 11,3 como um texto-base para justificar uma hierarquia de superioridade na relação entre homens e mulheres. Como visto, há pelo menos duas possibilidades exegéticas para o compreender o vocábulo “κεφαλή/cabeça” na passagem.

O termo “κεφαλή/cabeça” pode ser compreendido como “fonte” ou “proeminência”. Na primeira interpretação, há uma fragmentação em três subníveis: existencial, autoritativo e espiritual. Conforme averiguado, é plausível crer que Paulo estivesse anelando o sentido existencial ou espiritual (ou, talvez, até mesmo os dois). Parece ser pouco provável o sentido autoritativo do termo dentro do contexto.

Quanto à interpretação da “proeminência”, embora seja uma nova possibilidade, ela carece de um contexto matrimonial na perícope para que haja consubstanciamento. Ainda que haja alguma possibilidade hermenêutica para isso, as lacunas deixadas são maiores do que as respostas atingidas.

Por fim, é importante que passagens como essa possam ser aquilatadas novamente a fim de promover teologias mais cristocêntricas, que promovem a humanização, a ressignificação do ser e a igualdade entre homens e mulheres. As “teologias” construídas neste século precisam ser forjadas a partir dos ensinamentos de Jesus, uma vez que ele é a chave hermenêutica – seja para a Bíblia ou para vida cristã, pessoal e comunitária. Teologias que militam contra o amor ensinado e praticado por Cristo não ajudam a construir um mundo melhor, justo e fraterno, e se equivocam em sua hermenêutica, distanciando-se do projeto do Mestre das misericórdias.

Enfim, esse trabalho procurou revisitar o texto de 1Cor 11,3, buscando apontar novas possibilidades hermenêuticas que ajudem a superar as interpretações e mensagens “machistas e opressoras”, que promovem o discurso de subjugação feminina, e que devem ser contrapostas por teologias “igualitárias e humanizantes”, que disseminem o amor e a igualdade entre homens e mulheres, filhos e filhas de Deus e ódio e subjugação. Com isso em mente, textos como 1Cor 11,3 precisam ser debatidos dentro da academia, como usualmente acontece, mas também bem refletidos nos púlpitos das igrejas, nos seminários e escolas bíblicas das comunidades cristãs, para que haja o esclarecimento dos fiéis a fim de que se construa uma teologia pública igualitária entre homens e mulheres. Textos como Gálatas 5,1, “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos

deixeis prender de novo ao jugo da escravidão”, precisam fundamentar as teologias desta geração e das gerações futuras, visto que, de fato, todos os batizados são iguais diante de Deus, em sua dignidade ontológica (Gl 3,28).

## Referências

50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. *G1*, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 14 ago. 2023.

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt. *O Texto do Novo Testamento*. Introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual. São Paulo: SBB, 2013.

BARR, Beth Allison. *A construção da feminilidade bíblica*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2022.

BAUMERT, Norbert. *Mulher e homem em Paulo*. São Paulo: Loyola, 1999.

BEDALE, Stephen. The Meaning of κεφαλη in the Pauline Epistles. *The Journal of Theological Studies*, Vol. V, Issue 2, 1954, p. 211-215.

BEOZZO, José Oscar. Evangelho e Escravidão na Teologia Latino-Americana. In: RICHARD, P. (Org). *Raízes da Teologia Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 83-122.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOMBERG, Craig L. *Introdução de Atos a Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CARSON, Don A; MOO, Douglas J.; MORIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHOW, Jonh K. Patronato na Corinto Romana. In: HORSLEY, R. *Paulo e o Império*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 111-129.

CONZELMANN, Hans. *1 Corinthians: A Commentary on the First Epistle to the Corinthians*. Minneapolis: Fortress Press, 1988.

ENGELS, Donalds W. *Roman Corinth: an alternative model for the classical city*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

FEE, Gordan. *1 Coríntios: comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

FITZMYER, Joseph Augustine. *First Corinthians*. New Haven: Yale University, 2008.

FITZMYER, Joseph Augustine. Kephale in 1 Corinthians 11:3. *Interpretation*, n. 47, 1993. p. 52–59.

FLORES, Júlia. *Feminicídios aumentam e casos de estupro voltam a crescer no Brasil*. UniversaUOL, 10 dez. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/12/10/feminicidios-aumentam-e-casos-de-estupro-voltam-a-crescer-no-brasil.htm>. Acesso em: 14 ago. 2023.

- FOULKES, Irene. *Problemas pastorales em Corinto: comentário exegético-pastoral a 1 Corintios*. San José: DEI, 1996.
- FOULKES, Irene. Conflictos en Corinto: las mujeres en una iglesia primitiva. *Revista de Interpretation Biblica Latinoamericana*, n. 15, 1993, p. 107-122.
- GOMBIS, Timothy. G. Participation in the New-Creation People of God in Christ by the Spirit. In: MCKNIGHT, Scot; MODINGA, Joseph (Orgs.). *The Apostle Paul and the Christian Life: Ethical and Missional Implications of the New Perspective*. Michigan: Backer Academic, 2016. Ebook.
- GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; CORRÊA LIMA, Maria Lima, *Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.
- GONZAGA, Waldecir. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, jan./abr.2017, p. 19-41. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>
- GONZAGA, Waldecir. A estrutura literária da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan./jun. 2021, p. 9-41. Doi: <https://www.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2021v2n3p9>
- GRUDEM, Wayne. “Does Κεφαλή (“Head”) Mean “Source” Or “Authority Over” in Greek Literature? A Survey of 2,336 Examples. *Trinity Journal*. ns 6.1, 1985, p. 38-59.
- KROEGER, Catherine. Cabeça In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph M.; REID, Daniel G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 165-168.
- LADD, George. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Keys to first Corinthians*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2009.
- NESTLE-ALAND (eds.), *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- PARDOSI, Milton T. The Application of Women Wearing Head Covering and Their Role in Ministry - Based on 1 Corinthians 11:3-6 and 14:34,35. *Asian Journal of Social Science Studies*, Vol. 2, n. 4, 2017. p. 85-90.
- PAROSCHI, Wilson. *Origem e transmissão do texto do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Bíblica da Brasil, 2014.
- PERRIMAN, Andrew C. The Head of a Woman: The Meaning of Kephale in 1 Cor 11:3. *Journal of Theological Studies*, Vol 45, 1994. p. 621-622.
- ROBINSON, Betsey. Fountains and the Formation of Cultural Identity. In: SCHOWALTER, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. *Urban Religion in Roman Corinth*. Massachusetts: Harvard College, 2005, p. 111-140.
- SCHNELLE, Udo. *Paulo: Vida e Pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

276 *Waldecir Gonzaga*

*Marcelo Dantas da Silva Júnior*

SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento – Exegese numa perspectiva feminista*. São Paulo: Paulinas, 1995.

STOTT, John. *Contracultura cristã*. São Paulo: ABU, 1978.

THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing, 2013.

TOMAZINI, Leicilane. *Pesquisa revela que 40% das mulheres agredidas por maridos são evangélicas*. *Jornal Opção*, 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/pesquisa-revela-que-40-das-mulheres-agredidas-por-maridos-sao-evangelicas-165928/>. Acesso em: 14 ago. 2023.

TUCKER, Ruth. Response. In: MICKELSEN, Alvera (orgs). *Women, Authority & the Bible*. Illinois: IVP, 1986, p. 111-117.

WEGNER, Ugo. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

ZAIDMAN, Louise B. As filhas de Pandora, mulheres e rituais nas cidades. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres: a Antiguidade*. Vol. 1. Porto: Afrontamento, 1990, p. 411-463.

Submetido em: 6/7/2024

Aceito em: 16/10/2024